

VIOLÊNCIA SEXUAL NO RAPTO DE CASSANDRA: UM ESTUDO DE SUA ICONOGRAFIA NOS VASOS ÁTICOS (SÉCULOS VI-V A.C.)

José Geraldo Costa Grillo*

Resumo:

Nos estudos da iconografia do rapto de Cassandra, já foi aventada a possibilidade de a profetisa troiana ter sido violentada por Ajax Oileu, hipótese rejeitada pela maioria dos autores. No entanto, indícios iconográficos presentes nas representações em vasos áticos dos séculos VI-V a.C., como a nudez da jovem, expondo as partes íntimas de seu corpo, e os gestos e a postura do agressor, permitem sustentá-la.

Palavras-chave: *Cassandra; rapto; violência; iconografia; vasos áticos.*

Desde o último quarto do século XIX, a iconografia de Ajax e Cassandra vem sendo estudada por pesquisadores da Antiguidade Clássica. Consensuais no reconhecimento de Ajax ter cometido um ato de violência, esses estudos divergem quanto à natureza desse ato.. Para uns, Ajax estaria apenas capturando Cassandra; porém, por ter feito isso no templo de Atena, onde ela se refugiou após a tomada de Troia, e por ter derrubado, com força brutal, a estátua da deusa ao tomar Cassandra, nela agarrada, cometeu um ato de sacrilégio. Para outros, além disso, Ajax violentou sexualmente Cassandra.

De modo a justificar meu posicionamento entre esses últimos, apresento o estado atual da questão, para, depois, sustentá-lo através da análise iconográfica de alguns vasos, considerados mais pertinentes. Por fim, aponto as implicações sociais e culturais das relações entre guerra, violência e sexualidade.

* Professor adjunto do Departamento de História da Arte da Universidade Federal de São Paulo e pós-doutorando, com bolsa da Fapesp, na Universidade Estadual de Campinas, onde, sob a supervisão do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari, desenvolve pesquisa sobre Guerra e Violência na iconografia da *Iliupérsis*.

1. Estado atual da questão

Realizador do primeiro estudo sistemático sobre o conjunto dos “monumentos” conhecidos até então, Wilhelm Klein (1877) concentrou sua atenção no “sacrilégio” de Ajax ao tomar Cassandra pela força no templo de Atena, derrubando sua estátua, antes que na violência feita à Cassandra propriamente dita. Preocupado em determinar se as representações retrataram a estátua ou a deusa em pessoa, chega mesmo a observar que Cassandra é representada ora vestida, ora nua, mas entende servir essa nudez apenas para mostrar sua beleza.

A caracterização do ato de Ajax como violência sexual, o *estupro*, deveu-se a Augustin Cartault em um estudo sobre uma estatueta grega de terracota, proveniente da Ásia Menor e datada do século III a.C.

O modelo do nu, diz ele, é frouxo e não indica um estudo da natureza. [...] Temos diante de nós uma cena de rapto, cuja vítima é, sem dúvida, Cassandra [...]. A mulher está nua até a cintura, coisa que não é indiferente. [...] Esta nudez, muito frequente sobre os monumentos, explica-se de maneira suficiente pela brutalidade do acontecimento. Podemos, talvez, sem forçar as intenções do artista, ver nela uma indicação discreta do estupro que não nos é representado. (CARTAULT, 1886, p.296-8)

O tema da violência sexual tem sido criticado, sobretudo, devido à alegada contradição com a tradição literária. Klein afirma que a maioria das obras que examina é dos séculos VI-V a.C. e que os textos dessa época falam de *rapto* ou de *abdução*, mas não de violência sexual. Cartault, apesar de defender a possibilidade do estupro na estatueta do século III a.C., sintoniza-se com esse raciocínio.

O rapto, diz ele, análogo a muitos outros que se produzem na embriaguez da vitória, foi contado na Pequena Iliada, atribuída a Lesques, e na Iliupérsis, de Arctino de Mileto. Os poetas posteriores, em busca de complicações e de efeitos patéticos, acrescentaram a violação de Cassandra por Ajax. (CARTAULT, 1886, p.297)

A contradição com a tradição literária fica mais evidente na argumentação de Peter Geoffrey Mason, que, tomando a história de Cassandra como exemplo por excelência de uma personagem na literatura grega, acre-

dita ser possível reconstruir seu retrato a partir do material épico e lírico. Em sua reconstrução, ele rejeita o que qualifica de “as improváveis inferências das narrativas alexandrinas e dos mitógrafos tardios” (MASON, 1959, p.80). Assim, os artesãos, ao representarem Cassandra nua, não estão se referindo à possibilidade de estupro, pois, conforme o que se pode deduzir de uma passagem da **Odisseia**, de Homero (11.421-422), Cassandra foi oferecida posteriormente como prêmio de guerra a Agamêmnon, prova de que ainda era virgem nessa ocasião.

Estendendo essa linha de raciocínio, Odette Touchefeu constata que, das ações realizadas por Ajax Oileu, o episódio melhor conhecido, graças à arte e à literatura, é o de seu ato cometido contra Cassandra. Mas *qual a natureza do delito de Ajax?*, pergunta ela.

Ájax tornou-se, então, culpável de um sacrilégio para com a deusa, de uma violação do direito das suplicantes, de uma violação deliberada que teria associado o ultraje feito à virgindade da profetisa à profanação de um lugar consagrado à Deusa Virgem?
(TOUCHEFEU, 1981, p.336)

Ao passar em revista os autores antigos, Touchefeu procura mostrar que eles acentuaram um ou outro desses aspectos. Arctino de Mileto deve ter sido o primeiro a contar, em sua **Iliupérsis**, a violência feita contra Cassandra, mas, sua obra é conhecida apenas pelo resumo de Proclo, sem oferecer detalhes. Na peça de Eurípidés, **As troianas** (v.69-71), ainda que tenha agido de modo violento, Ajax tinha o simples objetivo de tirar Cassandra do templo de Atena. Quinto de Esmirna, em sua **Destruição de Troia** (13.428-429), foi quem desenvolveu a cena, dando-lhe um caráter inegavelmente erótico. Em sua resposta, alega que “o desaparecimento quase total de certas obras, a brevidade de certos resumos e ambiguidade do vocabulário impedem a precisão da natureza exata do delito”, entendendo, porém, que, “de qualquer maneira, esse delito foi um sacrilégio” (TOUCHEFEU, 1981, p.337).

À luz desses dados, Touchefeu permanece bastante reticente quanto ao significado do ato de Ajax:

As variações sobre Cassandra vestida ou nua poderiam ser mais significativas, na medida em que a ausência total ou parcial de vestimenta pode revelar o caráter erótico da agressão, especialmente

na época arcaica, na qual a nudez feminina é rara. (TOUCHEFEU, 1981, p.350)

Semelhantemente, Meret Mangold, no estudo mais amplo e recente sobre a iconografia de Ajax e Cassandra, chega a admitir a possibilidade do estupro em algumas representações, porém minimiza-o à luz das informações textuais.

O corpo desnudo de Cassandra, diz ela, mostra a maneira dramática pela qual é entregue a Ajax. Além disso, sua nudez pode ser interpretada como um motivo erótico e como uma alusão ao estupro que sucederá, mas o qual somente as fontes tardias levam em consideração. (MANGOLD, 2005, p.50)

Nas imagens do século VI a.C., segundo ela, o tema decisivo é o do sacrilégio cometido por Ajax. No contexto mitológico, Cassandra é destinada a ser cativa de guerra não de Ajax, mas de Agamêmnon, ao qual servirá como concubina. Reconhece que o estupro de mulheres foi uma realidade em contexto de guerra, mas entende, ao mesmo tempo, que:

O caso de Cassandra permanece problemático. É difícil imaginar, na óptica da epopeia homérica, que ela foi violentada por Ajax e que, em seguida, foi concubina de Agamêmnon. [...] É por isso que não é certo que a nudez de Cassandra foi um motivo erótico já no século VI. (MANGOLD, 2005, p.50)

Somente no início do século V a.C. é que a nudez de Cassandra adquire um aspecto erótico: “Agora, Ajax agarra Cassandra, por vezes, com as mãos nuas – um motivo que alude ao estupro” (MANGOLD, 2005, p.51). Na maioria das vezes, entretanto, as imagens mostram uma cena de *rapto*, utilizada, normalmente, nas perseguições amorosas.

Essas são maneiras possíveis de se entender a nudez de Cassandra à luz da tradição literária, mas não são as únicas. Adolphe Reinach propõe ter ocorrido, ao longo do tempo, um processo deliberado de “apagamento” da violência sexual na literatura dessa época - intento que não teve resultado absoluto, pois inúmeros vestígios ainda podem ser notados nas histórias em que essa violência tinha lugar. Esse é o caso, segundo ele, das histórias de Páris e Helena, e de Ajax e Cassandra:

Ao mesmo tempo em que todos os traços da paixão brutal que conduz ao rapto ou ao estupro foram cuidadosamente apagados pelo pudor dos aedos jônicos, esta libido sexual permanece profundamente marcada nesses dois episódios. (REINACH, 1914, p.13)

Quanto a Cassandra, ele ressalta que ela foi uma das únicas figuras que os ceramistas áticos do final do século V a.C. retrataram nua, levando à conclusão de que “eles queriam evocar a lembrança do estupro do qual ela deve ter sido vítima” (REINACH, 1914, p.41).

Sobre esse tema na epopeia homérica e no *Ciclo Épico*, Albert Severyns cogita que, Homero, ao tratar da sorte infeliz de Cassandra, de modo breve (*Il.* 22.62), e fazê-la uma concubina de Agamêmnon (*Od.* 11.421-422), pode ter abrandado um mito primitivamente mais brutal, que a ambiguidade do termo grego (*biasámenon*) na **Iliupérsis**, de Arctino de Mileto:

Autoriza supor que, mesmo se não ocorreu, de fato, um estupro de Cassandra na Iliupérsis, pode ter havido uma tentativa, que não se consumou, porque os gregos intervieram no momento no qual Ajax profanava o xóanon, esforçando-se para submeter Cassandra. (SEVERYNS, 1928, p.364)

Na esteira desses estudos, Juliette Davreux argumenta que a versão dada pelos poetas e mitógrafos alexandrinos do episódio, atestando-o como um verdadeiro atentado de Ajax à honra de Cassandra, já havia sido representada pelos artistas dos séculos VI-V a.C. Partindo da constatação de que Cassandra foi quase sempre representada nua ou seminua e que era raro, na arte dessa época, a mulher ser assim mostrada, Davreux afirma:

A nudez de Cassandra é significativa; ela indica que a cena que se passa no templo de Atena tem todas as características de uma cena erótica: Ajax pretende atentar contra a honra de Cassandra, e mesmo a presença do Paládio não o impede de realizar seu desejo. (DAVREUX, 1942, p.12)

Mais recentemente, Michael John Anderson propôs que as composições da iconografia de Ajax e Cassandra apresentam dois temas proeminentes: o sacrilégio e a natureza sexual do ataque de Ajax. Esses temas não são excludentes e, independentemente da época, o tema sexual:

É indicado pela impressionante exposição da nudez, total ou parcial, de Cassandra na maior parte das representações nas figuras negras e vermelhas. A exposição consistente e repetida de seu corpo destaca-se como uma clara violação das normas da arte contemporânea, segundo a qual nenhuma mulher, fora as hetairas, aparece regularmente completamente nua. Os artistas recordam-se de Cassandra como vítima de um atentado de estupro e simbolizam visualmente a intenção de Ajax através da nudez. (ANDERSON, 1997, p.200)

Simpático a essas ideias, mostrarei, a seguir, na análise de três vasos áticos, que, apesar de o ato sexual propriamente dito nunca ter sido representado, alguns indícios iconográficos apontam para a natureza sexual da intenção de Ajax.

2. Análise iconográfica

A iconografia de Ajax e Cassandra conta, atualmente, com 67 vasos áticos (cf. MANGOLD, 2005, p.147-54). Cassandra é mostrada nua em 10 e, em 22, seminua, isto é, portando ou um lenço recolhido sobre os ombros, ou um vestido aberto ou esvoaçante, de modo que as partes íntimas de seu corpo fiquem à vista (cf. TOUCHÉFEU, 1981, p.349-51).

No século V a.C., Cassandra é representada nua 5 vezes, e 18, seminua. A análise iconográfica de três desses vasos trará à tona os elementos que evidenciam o caráter sexual do ato de Ajax contra Cassandra.



Figura 1 – Hídria. Figuras vermelhas. Atr.: Pintor de Cleófrades. Nápoles, Museu Arqueológico Nacional, inv. H2422. Cerca de 490-480 a.C. (Fotografia do museu)

Ao longo do ombro do primeiro vaso (Fig. 1), cenas da **Iliupérsis**: mortes de Príamo e de Astíanax à direita, fuga de Eneias à esquerda e, no centro, o rapto de Cassandra. Ela está seminua, portando apenas um manto, que, enlaçado pelos ombros e jogado nas costas, deixa expostas as partes íntimas de seu corpo (seios e genitália adornada de pelos púbicos). Caída de joelho, agarra-se à estátua de Atena com o braço esquerdo e, com o outro estendido, gesticula em sinal de súplica (mão com a palma para cima) a Ájax, que, passando por um guerreiro morto caído por terra e em trajes guerreiros (elmo, couraça, lambrequim, bainha, espada e cnêmides), avança contra ela, segurando-a pelos cabelos com a mão esquerda e portando uma espada na direita.



Figura 2 – Cratera em cálice. Figuras vermelhas. Atr.: Pintor de Altamura. Boston, Museu de Belas Artes, inv. 59.176. Cerca de 470-460 a.C. (Fotografia do museu)

Em ambos os lados do segundo vaso (Fig. 2), cenas da **Iliupérsis**: mortes de Príamo e de Astíanax e rapto de Cassandra (lado A), e fuga de Eneias (lado B). Cassandra, completamente nua e caída de joelhos, agarra-se à estátua de Atena com o braço direito e, com o outro estendido, gesticula em sinal de súplica (mão com a palma para cima) a Ájax, que, em trajes guerreiros (elmo, couraça, lambrequim, escudo e lança), avança contra ela, segurando-a por seu braço estendido.

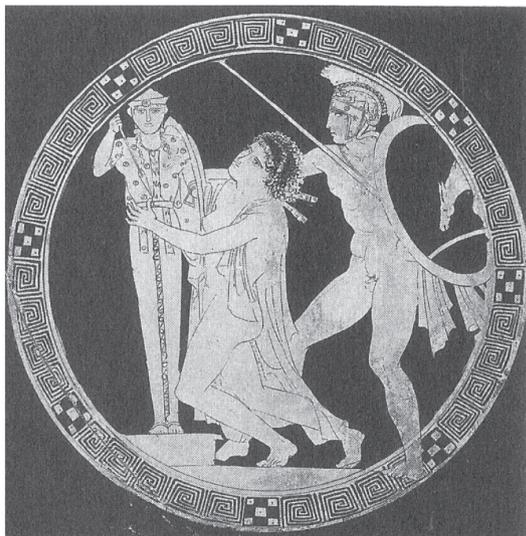


Figura 3 – Cálice. Figuras vermelhas. Atr.: Pintor de Codro. Paris, Museu do Louvre, inv. G458. Cerca de 430 a.C. (Fotografia do museu)

No medalhão do terceiro vaso (Fig. 3), uma cena da **Iliupérsis**: o rapto de Cassandra. Seminua, portando um vestido que, por estar aberto, deixa expostas as partes íntimas de seu corpo (o seio direito, os perfis da região pubiana e das nádegas), Cassandra está se atirando, com ambos os braços, à estátua de Atena. Ajax, praticamente nu (porta apenas um lenço caído nas costas, elmo, escudo e lança) e com a genitália à mostra (pênis adornado de pelos púbicos), avança contra ela por trás, agarrando-a pelo braço direito.

Real, suposto ou meramente imaginado, essas representações revelam estar o estupro está na mente dos artesãos, que, se por um lado, não ousam explicitá-lo, por outro o insinuam através de vários artificios. O mais notório é a *nudez* de Cassandra: esteja ela completamente nua (Fig. 2) ou parcialmente vestida (Figs. 1 e 3), as partes íntimas de seu corpo são sempre postas à vista. Esse elemento, por si só, dá à cena um significado erótico, implicando que “a intenção de Ajax era o deleite” (CASKEY; BEAZLEY, 1963, p.64), quer dizer, o prazer sexual. Em suma, a nudez sinaliza o triste destino de Cassandra: “ela será violentada” (WOODFORD, 1993, p.110).

A exposição dos pelos púbicos destaca tanto a sexualidade de Cassandra (Fig. 1) quanto a de Ajax (Fig. 3). Em Cassandra, os pelos indicam que ela já é uma mulher feita, pronta para a vida conjugal e sexual. Em Ajax, além da idade e da condição para o matrimônio, implicam também a natureza sexual de seu ato (cf. KILMER, 1993, p.158). À juventude e beleza de Cassandra, exibidas por sua nudez, os artesãos acrescentam o fetiche que envolve o órgão genital feminino. Assim, o aspecto horroroso do estupro, se ainda não estivesse amortecido pelo contexto da fúria guerreira, é, agora, impulsionado pelos instintos sexuais.

O caráter sexual da cena é acentuado também pela maneira como Ajax posiciona sua espada. Desde muito tempo, os artistas gregos haviam estabelecido uma equivalência entre a espada e o pênis ereto (cf. LOWENSTAM, 2008, p.75). Não bastasse a exposição do órgão genital de Cassandra, o pintor de Cleófrades (Fig. 1):

Para dissipar qualquer equívoco sobre a sorte reservada à Cassandra, a espada do temível guerreiro que a ameaça, orientada obliquamente ao seu corpo vulnerável, encontra-se no lugar exato de seu membro viril. (FRONTISI-DUCROUX; LISSARRAGUE, 2001, p.59-60)

Eis a triste sorte da jovem e bela Cassandra, princesa e profetisa da outrora gloriosa e, agora, caída Troia: ela foi sexualmente violentada!

Considerações finais

Passados cento e trinta anos de pesquisas, o tema da violação de Cassandra permanece complexo e intrincado. A complexidade reside no fato de que, por um lado, os artesãos não representaram explicitamente o estupro de Cassandra por Ajax Oileu e, por outro, deixaram pistas indicando que o mesmo iria certamente ocorrer. O caráter emaranhado é intrínseco à ideia de que os artesãos intentaram representar fielmente esse ou aquele texto referente à cena.

Os estudos iconográficos têm demonstrado que os artesãos, de modo geral, não se prendiam aos textos em suas imagens; pelo contrário, elas apontam para uma tradição imagética própria, com um jeito diferenciado de contar as histórias. Os indícios iconográficos que deixaram visam, em meu

entendimento, provocar no observador da cena pintada a imagem não representada do estupro de Cassandra, conferindo-lhe, assim, um impacto maior.

Assim, se o estupro de Cassandra torna-se contraditório à luz da tradição literária, o mesmo é admitido no interior da tradição imagética.

Agradecimentos

Agradeço aos seguintes colegas: André Leonardo Chevitarese, Pedro Paulo Abreu Funari, Fábio de Souza Lessa, François Lissarrague e Haiganuch Sarian. Menciono o apoio institucional da Unifesp, do Nepam/Unicamp e da Fapesp. A responsabilidade pelas ideias restringe-se ao autor.

SEXUAL VIOLENCE IN THE RAPE OF CASSANDRA: A STUDY OF ITS ICONOGRAPHY IN ATTIC VASES (SIXTH AND FIFTH CENTURIES BC)

***Abstract:** In studies of the iconography of the rape of Cassandra has been raised the possibility that the Trojan prophetess had been sexually assaulted by Lesser Ajax; hypothesis rejected by most authors. However, evidence found in iconographic representations on Attic vases of the sixth and fifth centuries BC, as the nudity of the girl, exposing the sexual region of her body, and the gestures and postures of the attacker, allowing sustain it.*

***Keywords:** Cassandra; Rape; Violence; Iconography; Attic vases.*

Referências bibliográficas

- ANDERSON, M. J. **The Fall of Troy in early Greek poetry and art.** Oxford: Clarendon, 1997.
- CARTAULT, Augustin. Ajax et Cassandre. **Gazette Archéologique.** v.11, p.296-8, 1886.
- CASKEY, L. D.; BEAZLEY, J. D. **Attic vase paintings in the Museum of Fine Arts, Boston.** Part III. Boston: Museum of Fine Arts, 1963.
- DAVREUX, J. **La légende de la prophétesse Cassandre: d'après les textes et les monuments.** Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège, 94. Liège; Paris: Faculté de Philosophie et Lettres; Droz, 1942.

FRONTISI-DUCROUX, F. LISSARRAGUE, F. Corps féminin, corps virginal: images grecques. In: BRUIT-ZAIDMAN, L. et al., **Le corps des jeunes filles de l'Antiquité à nos jours**. Paris: Perrin, 2001, p. 51-61.

KILMER, M. F. **Greek erotica on Attic red-figure vases**. London: Duckworth, 1993.

KLEIN, W. Aiace e Cassandra. **Annali dell' Instituto di Corrispondenza Archeologica**. v.49, p.246-68, 1877.

LOWENSTAM, S. **As witnessed by images: the Trojan War tradition in Greek and Etruscan art**. Baltimore: Johns Hopkins University, 2008.

MANGOLD, M. **Guide d'imagerie antique: la chute de Troie sur les vases attiques**. Gollion: Infolio, 2005.

MASON, P. G. Cassandra. **Journal of Hellenic Studies**. v.79, p.80-93, 1959.

REINACH, A. L'origine de deux légendes homériques. I – Le viol de Cassandre. **Revue de l'Histoire des Religions**. v.69, p.12-42, 1914.

SEVERYNS, A. **Le cycle épique dans l'école d'Aristarque**. Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège, 40. Liège; Paris: H. Vaillant-Carmanne; Édouard Champion, 1928.

TOUCHEFEU, O. Aias II. In: **Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae**. Volume I. Zürich; München: Artemis, 1981, p. 336-351.

WOODFORD, S. **The Trojan War in ancient art**. Ithaca: Cornell University, 1993.